

A VIRADA DOS 1900 E A AMPLIAÇÃO DAS SOCIABILIDADES PÚBLICAS NA MODERNIZAÇÃO DE PORTO ALEGRE

THE TURN OF 1900 AND THE EXPANSION OF PUBLIC SOCIABILITIES IN THE MODERNIZATION OF PORTO ALEGRE

Clara Natalia Steigleder Walter¹

RESUMO

As transformações que Porto Alegre começa a vivenciar em meados do século XX mostram as contradições e os conflitos de um Brasil em vias de modernizar-se, mas ainda com traços caracteristicamente arcaicos. Os espaços de sociabilidade não se restringem mais apenas ao ambiente privado, estendendo-se para espaços públicos, como as ruas, cinemas, cafés, transportes, praças etc. Mudam os lugares e mudam os frequentadores e suas práticas, tornando-se mais diversificada a convivência no meio urbano. Entre o espaço da casa e seu entorno imediato, os arrabaldes, onde os habitantes da cidade desenvolviam relações de proximidade com seus vizinhos ou conhecidos, e o centro da cidade, que passava por intensas e diversas transformações, num fluxo cada vez maior de pessoas e veículos, os porto-alegrenses iam, aos poucos, ampliando as sociabilidades, encontrando-se entre desconhecidos e configurando multidões. Este artigo discute as mudanças que ocorreram nos usos dos espaços públicos a partir da ampliação das sociabilidades públicas. O tempo histórico é do final do século XIX até a década de 1940, período conhecido como o da modernização da cidade. A sociabilidade, “habilidade do social” na perspectiva de Georg Simmel (1976), se apresenta como uma dimensão da modernidade e permite problematizar as interações entre os indivíduos no espaço urbano. Olhar o passado, a partir desse conceito e em perspectiva dialética com o presente, é uma das formas encontradas para pensar os espaços públicos e as interações ético-políticas que nele ocorrem nos dias atuais.

Palavras-chave: Porto Alegre. Modernização. Espaço Público. Sociabilidades.

ABSTRACT

The transformations that Porto Alegre began to experience in the mid-twentieth century show the contradictions and conflicts of a Brazil in the process of modernizing itself, but still with archaic and patrimonial traits. Sociability spaces are no longer restricted to the private environment, extending to public spaces such as streets, cinemas, cafes, transport, squares, etc. The places change and the regulars and their practices change, making the coexistence in the urban environment more diversified. Between the space of the house and its imme-

¹ Cientista Social, mestre em Sociologia e doutora em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora Adjunta na Universidade Federal de Pelotas, na área de Tecnologia em Transporte Terrestre.

diate surroundings, the outskirts, where the city's inhabitants developed close relationships with their neighbors or acquaintances, and the city center, which was undergoing intense and diverse transformations, in a greater flow of people and vehicles, the people from Porto Alegre were, little by little, expanding their sociability, finding themselves among strangers and configuring crowds. This article discusses the changes that occurred in the uses of public spaces from the expansion of public sociabilities. The historic time is the end of the 19th century until the 1940s, a period known as the modernization of the city. Sociability, “the skill of the social” from the perspective of Georg Simmel (1976), presents itself as a dimension of modernity and allows us to problematize the interactions between individuals in the urban space. Looking at the past, from this concept and in a dialectical perspective with the present, is one of the ways found to think about public spaces and the ethical-political interactions that take place in it today.

Keywords: Porto Alegre. Modernization. Public Place. Sociabilities.

Passavam de um lado e outro transeuntes de todas as espécies, desde o crioulo espadaúdo e retinto, que no tombo da farra ia esperar fretes no trapiche da Fluvial, até ao mais belo tipo e mulher, alta, branda, escultural e soberba, de andar ritmado e cadencioso, de cabeça triunfalmente erguida, e com uma rosa escarlate de fina estirpe agonizando plantada na neve levemente rósea do seio farto. O rapazio, ardente e trêfego, cruzava a rua, num zumbido permanente de zangão, e as moças, as mesdemoiselles, como dizia um enfatuado, pedante e nulo, paravam em frente das vitrinas resplandecentes das joalherias e das vitrinas multicores das lojas.²

INTRODUÇÃO

Dentre os paradoxos vividos na contemporaneidade, talvez o da relação espaço-tempo seja o mais presente no nosso cotidiano, uma vez que ambas categorias são estruturadoras da vida nas cidades. Viver nas cidades possibilita encontros, estar com o outro, defrontar-se e descobrir um outro diferente de si. Esses encontros, que são a vida social da cidade, ocorrem no espaço público por excelência. Entretanto, com a modernização, a velocidade transformou dimensões do fazer cotidiano, como caminhar pelas ruas, andar de ônibus, metrô, trens, dirigir, conversar, em movimentos que passam a ser vivenciados num “ambiente construído” em que a relação tempo-espaço, está cada vez mais, marcada por uma razão instrumental³. Os locais onde o “mundo da vida” poderia desenvolver-se, nos quais os encontros e as trocas poderiam ser mais espontâneos, transformam-se em

² TOTTA; AZURENHA; LOBO, 1997, p. 85-86.

³ HABERMAS, 1984.

espaços de passagem, nos quais a pressa e a indiferença para com os outros definem o ritmo dos habitantes.

Para Sennet,⁴ o desenho urbano moderno busca “libertar o corpo da resistência associada ao medo do contato”. Disso derivam os inúmeros espaços segregados, as vias expressas, os condomínios fechados, shopping centers, a divisão espacial entre pobres e ricos etc. Em relação ao espaço público, esse “libertar o corpo” também pode levar a um fechamento em si mesmo, atrofiando, ou simplesmente não estimulando, o desenvolvimento de dimensões ético-políticas em direção a si e, principalmente, em direção ao outro. Ainda, segundo o autor, o que ocorreria seria uma espécie de tentativa de entorpecimento dos corpos, transformando-nos em meros consumidores da vida, que jogam para um segundo plano o complexo exercício cotidiano do ato ético-político tão importante para a vida em coletividade.

Norteados pela História Cultural, este artigo discute as mudanças que ocorreram nos usos dos espaços públicos e a ampliação das relações de sociabilidade a partir do final do século XIX em Porto Alegre até a década de 1940, período conhecido como o da modernização da cidade. Olhar para o passado, numa perspectiva dialética com o presente, foi uma das formas encontradas para pensar os espaços públicos e as interações que nele ocorrem nos dias atuais. As contribuições de Sandra Pesavento, Fábio Augusto Steyer e Charles Monteiro, no que concerne a memória da cidade, as vivências e os espaços apresentados em suas análises foram fundamentais. Buscou-se resgatar também autores como Achylles Porto Alegre, Sérgio da Costa Franco, Archymedes Fortini, entre outros, que apresentam em seus escritos o imaginário presente na época sobre estas sociabilidades.

A sociabilidade, na perspectiva de Simmel⁵, é a “habilidade do social”, e se apresenta como uma dimensão da modernidade, pois implica na passagem de uma sociedade de relações pessoais, tradicionais, para relações impessoais. Na virada do século XIX para o XX, os espaços de sociabilidade em Porto Alegre não se restringiam mais apenas ao ambiente privado, estendendo-se, de forma crescente, para os espaços públicos, como ruas, cinemas, cafés, praças entre outros. Mudaram os lugares e também mudaram os frequentadores e suas práticas, tornando-se mais diversificada a convivência na cidade.

Este artigo está organizado da seguinte forma: uma breve introdução, na qual é apresentada a proposta do artigo e os pressupostos teórico-metodológicos utilizados; a seção um trata da história de Porto Alegre na

4 SENNET, 2018, p. 17.

5 SIMMEL, 1976.

virada dos 1900, início do século XX, considerado o início da modernização da cidade. Embelezamento, medidas sanitaristas, abertura de grandes vias etc. marcam as mudanças no espaço urbano, seus lugares e a expansão da cidade. Nesta seção, o trabalho de Célia Ferraz de Souza foi norteador ao tratar da evolução da cidade.

A segunda e a terceira seções tratam do tema das sociabilidades públicas e sua ampliação com a entrada da cidade no período de modernização dos espaços e das gentes. Esta seção é de análise e a mesma é realizada a partir da literatura e de imagens dos espaços públicos no período analisado, por último as considerações finais e as referências bibliográficas utilizadas no artigo.

1. PORTO ALEGRE E O INÍCIO DE SUA MODERNIZAÇÃO

Para compreender como se caracterizou a evolução urbana de Porto Alegre nos primeiros 40 anos do século XX é importante considerar que de 1889 até a década de 1940 houve uma sucessão de quatro administrações muito relevantes para a cidade: José Montauray que governou de 1897 a 1924, Otávio Rocha, de 1924 até sua morte súbita em 1928, quando assume interinamente seu vice Alberto Bins, que concorre no mesmo ano, tornando-se prefeito e governando a cidade até 1937. Depois dele, assumiu Loureiro da Silva, governando até 1943, praticamente durante todo o período do Estado Novo, instaurado por Getúlio Vargas, que inicia em 1937 e se estende até 1945.⁶

Nestes primeiros anos da República e sob influência Positivista, é aprovado um novo Código de Posturas Municipais em Porto Alegre, documento que, por ser reflexo do que se considerava o ideal burguês de urbanidade, buscava, na visão de Pesavento, controlar e disciplinar socialmente a vida pública.

No processo de transformação burguesa, as classes menos abastadas e seus territórios passaram a sofrer uma investida dos notáveis da comunidade local no sentido do controle social e da disciplinarização das socialidades. A nova ordem burguesa estabeleceu suas normas, valores e procedimentos na busca de uma vida urbana adequada.⁷

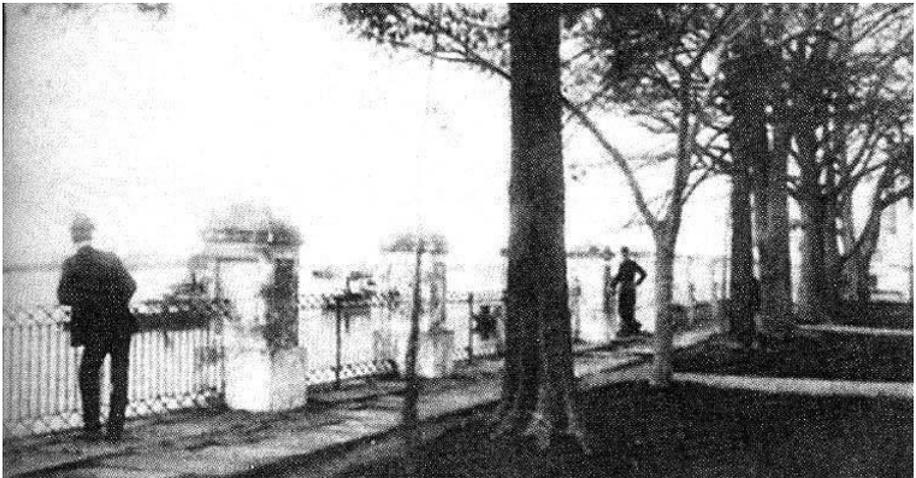
Segundo Monteiro, os melhoramentos propostos foram implementados primeiro na área central de Porto Alegre, pois atendendo à concepção

6 SOUZA, 2007.

7 PESAVENTO, 1991, p. 24.

burguesa de cidade para a elite, *o centro deveria ser o lugar da conduta “civilizada”*.⁸ Exemplo disso é a transformação dos antigos largos em praças, que já vinha ocorrendo desde o século anterior, mas que passa a abarcar também a Praça XV de Novembro e a Praça Montevideú, que compunham o Largo Paraíso. A Praça da Harmonia, apresentada na Figura 1, era considerada *o passeio mais lindo da cidade às margens do Rio Guaíba*⁹, e foi totalmente reformulada com a ampliação do porto a partir de 1911.

Figura 1. Praça da Harmonia, 1911.



Fonte: Museu Joaquim Felizardo

Atual Praça Brigadeiro Sampaio, é delimitada pela Rua dos Andradas, a Rua Siqueira Campos, a General Portinho e a Primeira Perimetral. Sua remodelação na década de 1910 faz parte de uma série de melhoramentos também nas áreas de lazer com a urbanização dos largos, por exemplo.¹⁰

Tendo como prioridade a redefinição dos limites urbanos e suburbanos da cidade, o crescimento de Porto Alegre estava condicionado a uma série de intervenções que começam a ser realizadas a partir desse momento por parte de seus gestores. José Montaury estava decidido a modernizar a cidade, melhorando o abastecimento de água potável na cidade, que até então era vendida em barris, até a limpeza das ruas, que eram entupidas e, por isso, a dificuldade de escoar a água da chuva.¹¹ Diversas obras marcaram esse período, mas especialmente duas são muito importantes para a

8 MONTEIRO, 1995, p. 34.

9 op.cit. p. 35.

10 FRANCO, 2013, p. 185.

11 BAKOS, 1994.

expansão da cidade: a ampliação do Porto entre 1911 e 1922 e a abertura da Av. Farrapos em 1940. Esta última foi um indicativo da nova política na área de transportes por rodovias, em detrimento do transporte hidroviário e ferroviário: *a Avenida Farrapos e a sua continuidade, a atual BR 116, nos primeiros vinte anos do período seguintes, foram as catalisadoras da implantação industrial e da habitação popular na futura área metropolitana.*¹²

As mudanças operadas em Porto Alegre buscavam acompanhar o apogeu vivido no país nas primeiras décadas do século XX, fruto do padrão de acumulação capitalista baseado na exportação do café. Isso possibilitou que progressivamente fosse se consolidando uma ordem urbano-industrial, para a qual a cidade era, além do centro comercial, financeiro e industrial, o lugar privilegiado de propagação dos valores e padrões burgueses, bem como, dos conflitos de classes. Pesavento compreende que até 1924 Porto Alegre vai tentar consolidar essa ordem burguesa, para depois, sim, iniciar o seu período de modernização que vai até 1945.

No final do século XIX, Porto Alegre havia estendido seu núcleo central, consolidando o movimento de incorporação dos arraiais pré-existentes, uma vez que eram territórios importantes para o seu crescimento econômico e comercial, investindo em melhorias nos caminhos que lhe davam acesso.¹³ As áreas intermediárias começavam a ser valorizadas para fim de loteamentos, tendo início os primeiros núcleos habitacionais que mais tarde viriam a conformar os bairros Partenon, Floresta, Bom Fim, Independência, Moinhos de Vento entre outros. Do ponto de vista dos transportes, em 1874 entrou em funcionamento a primeira linha férrea da cidade. Inicialmente fazendo a ligação entre Porto Alegre e São Leopoldo, sendo dois anos depois estendida a Novo Hamburgo.¹⁴ O serviço de bondes também iniciou nesse período, sendo o primeiro a circular na cidade em 1873.¹⁵

O núcleo urbano vivia as contradições inerentes a um espaço que estava sofrendo alterações. Para alguns, caminhar pelo centro da cidade era insuportável. Há relatos, por exemplo, de que as condições de urbanização eram incipientes, a cidade era suja, cheirava mal e *parecia um burgo colonial: um labirinto de ruelas e becos sórdidos.*¹⁶ Esta era a impressão de A. Bierce, jornalista americano que, segundo Décio Freitas, teria estado em Porto Alegre cobrindo a Guerra Civil ocorrida no estado entre os anos 1892 e 1895, a Guerra da Degola. E acrescenta:

12 SOUZA; MÜLLER, 2007, p. 79.

13 PESAVENTO, 1991.

14 MONTEIRO, 1995.

15 OVADIA, 1976.

16 FREITAS, 1999, p. 28.

Só em algumas poucas ruas centrais havia calçamento de paralelepípedos, predominando nas demais um calçamento de pedras irregulares, nas quais se tornava penoso caminhar. O efeito do todo era o de uma cidade que parara no tempo.¹⁷

Mas essa não era a única impressão que a cidade causava nesse período. Diversos viajantes que estiveram no Rio Grande do Sul e que, em especial, se detiveram em Porto Alegre, achavam a cidade encantadora desde a primeira vista, muitas vezes de um navio aportando no Guaíba. Moritz Sachnz, comerciante alemão que esteve no Brasil e residiu no Rio de Janeiro, visitou Porto Alegre em 1890. Suas percepções da cidade, por um lado, criticam o ar poluído contaminado de cheiros desagradáveis e o sistema de esgoto a céu aberto escorrendo nas sarjetas, mas, por outro, mostram certo encantamento com a arquitetura e o desenvolvimento do sistema de transportes:

Há, em Porto Alegre, inúmeras construções elegantes. São casas limpas e simpáticas. Em consequência, as ruas estão preparadas para receber, também nos dias de festa, iluminação com energia elétrica, o que acontece todas as noites nas lojas situadas em ruas principais. As linhas de bonde de tração animal, além de inúmeros barcos que circulam pelos rios, em curtos trajetos locais, propiciam o transporte regular entre a cidade e seus arredores.

Duas vezes ao dia transitam trens em cada direção. A estação situa-se um tanto distante da cidade, junto ao rio Jacuí;¹⁸ entre ele e através de um simpático subúrbio, logo se alcança a campanha.¹⁹

Certamente corroborou para essa percepção sobre Porto Alegre o fato de que a partir da segunda metade do século XIX já haviam sido incorporados à cidade diversos equipamentos públicos, dentre eles: o Teatro São Pedro (1858), a Hidráulica Porto-Alegrense (1865), o Largo do Arsenal e a Praça Senador Florêncio (atual Praça da Alfândega) são urbanizados, transformando-se o primeiro na Praça da Harmonia mais adiante. O Largo do Paraíso passa a ser ocupado pelo novo Mercado Público, obra muito importante para a cidade nesse período, o antigo mercado, localizado na área atualmente ocupada pelo Chalé da Praça XV, data de 1844 e foi demolido

17 op. cit.

18 Schanz referia-se ao Guaíba.

19 SCHANZ (1890) *in*: NOAL FILHO; FRANCO, 2004, p. 17.

em 1870. Estas mudanças davam ares de cidade desenvolvida para Porto Alegre, principalmente do ponto de vista cultural. Pesavento traz esse sentimento a partir de matéria publicada no Jornal “O Independente”.

Está ficando inteiramente cosmopolita a população de Porto Alegre. Há meio século passado, sua quietude era admirável, poucos os estrangeiros, simples os costumes. (...) Mudou tudo. (...) Foram-se os palanquins, as cadeirinhas, mas possuímos carros, bondes, automóveis, velocípedes, *trainways*, estradas de ferro. Amanhã teremos ruas a asfalto, bondes elétricos, balões de Santos Dumont, jardins suspensos, espetáculos nas nuvens, telefones sem fios, fotografia teleférica, ressurreição dos mortos...

E Porto Alegre velho cederá lugar a um Porto Alegre novo, com uma população esquisita, num requinte supimpa: moças à *vol-d'oiseau*, vestidas de tecido circassiano, custoso, chique, provocante, numa liberdade antiga.²⁰

Alfred Hettner, em visita à cidade em 1891, faz a seguinte observação: *Dentre os prédios públicos, a Catedral, o Teatro e alguns outros são dignos de menção. São, quase sempre, construídos de pedras areníticas de cor avermelhada.*²¹ Max Lyon, viajante suíço que também esteve em Porto Alegre no mesmo período, teve percepções parecidas ressaltando as belezas naturais da cidade, mas também elogiando questões como pavimentação e iluminação:

a cidade estava localizada num sítio risonho, encostado às colinas; suas construções são em tijolos ou em pedras de talha; as ruas são bem pavimentadas, e como em quase toda parte na América do Sul, há bondes em quase todas as ruas principais; ruas e casas iluminadas a gás e eletricidade.²²

As praças e as ruas centrais, aos poucos, perdiam seu aspecto colonial e se adequavam aos padrões burgueses de estar em público: à diversificação das atividades produtivas, culturais e sociais, somavam-se diferentes “tipos” de pessoas que, de uma forma ou de outra, conviviam nos espaços públicos. Eram trabalhadores, ex-escravos, estudantes, intelectuais, comerciantes, enfim, a paisagem urbana começava a mudar. Com a ampliação da área urbana e a diversificação de atividades e pessoas, viver em Porto Alegre começava a significar vivenciar um tipo de vida urbana aos moldes de como se vivia na Europa. Era a burguesia imitando a forma de viver tanto do francês, como do inglês.

20 Jornal “O Independente”, de 01/03/1900 in: PESAVENTO, 2008, p. 51.

21 HETTNER (1891) In: NOAL FILHO; FRANCO, 2004, p. 128.

22 LYON (1891) In: NOAL FILHO; FRANCO, 2004, p. 20.

2. OS ESPAÇOS PÚBLICOS E A AMPLIAÇÃO DAS SOCIABILIDADES

Uma das características que marca a modernidade de qualquer espaço urbano é a mudança nas relações que, antes mais pessoalistas, próximas, passam a ter um caráter mais individualista, marcadas por uma maior proximidade física, já que cresce o número de habitantes e de encontros em espaços sociais, ao mesmo tempo em que se dá um maior distanciamento psíquico.²³ Esse movimento de aproximação e distanciamento vai contribuir para que o indivíduo, num processo de individualização crescente, desenvolva determinadas habilidades importantes para que a relação com os outros ocorra no plano do social e, a partir de uma alteridade positiva, possa reconhecer-se, reconhecendo o outro. Embora a noção de aproximação esteja relacionada com a dinâmica social, também são necessários espaços que possibilitem essa aproximação.

Durante o século XIX, no Brasil, os lugares predominantes do desenvolvimento das sociabilidades eram aqueles ligados à esfera privada, dentro de espaços familiares restritos e ampliados apenas para parentes e amigos. Não que somente no ambiente privado as pessoas se encontrassem, mas eram mais raros os encontros nos ambientes públicos. Segundo Monteiro,²⁴ os lugares preferidos para o desenvolvimento das sociabilidades públicas, no século XIX em Porto Alegre, eram os largos e as praças: espaços dinâmicos que possuíam diversos significados em função da diversidade de usos que as pessoas faziam, sendo utilizados para festas, como as do Divino, da Páscoa, da Quaresma e de Nossa Sra. dos Navegantes.

Além das questões relativas à religião e diversão, as sociabilidades estavam relacionadas também ao comércio. Um dos largos mais famosos, por estar localizado na entrada da cidade pela via do Porto, era o Largo da Quitanda, mais adiante denominado Praça da Alfândega, depois Praça Senador Florêncio e, novamente, Praça da Alfândega. Como era um local bastante movimentado, frequentado por viajantes que vinham conhecer a cidade, imigrantes, compradores e vendedores, em sua grande maioria negros, para facilitar o embarque e desembarque de mercadorias e pessoas foi construído um trapiche à margem do rio. A praça defronte ao trapiche era chamada de Praça da Quitanda e ficava junto ao prédio da primeira Alfândega da cidade, localizada na Rua da Praia.²⁵

Outro local de sociabilidades era o Largo ou Praça do Paraíso, que abarcava a área da praia localizada entre a Rua Voluntários da Pátria e o Beco da Ópera (atual Rua Uruguai), chamada de Porto dos Ferreiros. Ali

23 SIMMEL, 2006.

24 MONTEIRO, 1995.

25 FRANCO, 2013.

a circulação de pessoas era intensa, pois era onde estavam as diversas oficinas que atendiam comerciantes e viajantes das embarcações ancoradas no Largo do Paraíso. Situado ao lado do Mercado Público, o Largo Paraíso tinha este nome pois *era o lugar do prazer imaculado nas tabernas do entorno*²⁶.

O Largo dos Ferreiros, além do movimento que as lojas, hotéis, bares e restaurantes proporcionavam, foi o espaço dos mascates, dos comerciantes ambulantes que abasteciam suas carretas e depois saíam a vender produtos pelos arrabaldes. Seu lado mais movimentado era próximo à Doca das Frutas pela proximidade com a Rua Voluntários da Pátria que no início do século XX estava se desenvolvendo comercial e industrialmente. Com a construção do Chalé na década de 1910, as sociabilidades nesse local aumentaram significativamente. A Figura 2 mostra a Praça XV de Novembro em 1910, quando ainda era conhecida como Largo dos Ferreiros. Até os dias atuais é possivelmente o local de maior movimentação de pessoas no centro da cidade, uma vez nela também está localizado atualmente um Terminal Rodoviário.

Figura 2. Praça XV de Novembro, 1910.



Fonte: Museu Memória Carris

Outro espaço muito importante das sociabilidades públicas eram as festas oficiais. Dentre as festas religiosas, aquelas que mais congregavam pessoas eram a do Divino Espírito Santo mostrada na Figura 3, a Festa dos

²⁶ MONTEIRO, 1995, p. 25.

Navegantes e o Natal. A primeira até o início do século XX ocorria na Praça da Matriz e, segundo Achylles Porto Alegre, era a mais querida dos porto-alegrenses. Os moradores construía um grande barracão, no qual, além de um coreto para alegrar a festa, havia tendas para a venda de café, pães, doces, gengibirra, refrescos, pinhões, peixes frito, balas e outras quitandas. Vinham pessoas de todos os lugares da região para assistir aos fogos, das vilas próximas até as ilhas todos queriam participar da festa.

Ali mesmo na praça, os chefes, verdadeiras figuras patriarcais estendiam esteiras e passavam, com os seus, os três dias e as três noites de fogos, ao ar livre, sob o doce azul do firmamento, comendo o seu churrasco de espeto com farinha seca e chupando o seu adorado chimarrão.²⁷

Figura 3. Praça da Matriz, Festa do Divino na década de 1910.



Fonte: Museu Joaquim Felizardo

A festa de Nossa Sra. dos Navegantes e a de Natal tradicionalmente eram comemoradas no Arraial do Menino Deus. No dia 1 de fevereiro a imagem de Nossa Senhora era levada até a Igreja do Rosário no centro da cidade e, no dia seguinte, seu retorno era via rio. Como o transporte fluvial da santa era um tanto complicado pela localização do Arraial do Menino Deus, com o tempo a santa foi colocada na capela, hoje, Igreja dos Navegantes, no bairro de mesmo nome cuja localização é próxima do rio. Segundo Pesavento,

27 PORTO ALEGRE, 1994, p. 80.

Nas tradicionais festas dos Navegantes, as ruas engalanadas viram passar procissões, andores, anjinhos, beatas desafiando o rosário, penitentes no pagamento de promessas, com os olhos postos no céu, enquanto os moleques punham os olhos nas vistosas e coloridas melancias à venda em frente da Igreja. E a festa do Divino? Com suas quermesses, fogos de artifício, seus jogos inocentes – (as sortes, a pescaria, o tiro ao alvo) – todos têm prêmios de gosto duvidoso. Famílias inteiras concentravam-se na rua em frente ao Divino, brincando de ser feliz.²⁸

Depois da mudança de local da festa dos Navegantes, o movimento popular nos dois dias de festa passou a ser muito grande, tanto na Praça da Alfândega, como no ponto de bondes e no cais do Mercado Público, como pode ser observado na Figura 4.

Figura 4. Festa de Nossa Sra. dos Navegantes em 1890.



Fonte: Porto Alegre Antigo: Dos Antepassados ao Século XXI

28 PESAVENTO, 2008, p. 81.

À direita, observa-se um bonde puxado a burros. Durante a procissão, muitos embarcavam no vapor em direção ao Arraial Navegantes, mas outros, preferindo o passeio pela estrada de ferro, tomavam o rumo da Rua Voluntários da Pátria para pegar o trem no Viaduto da Conceição. Segundo Porto Alegre,

O Guaíba nesses dias tinha um aspecto grandioso. Todos os navios surtos no porto embandeiravam em arco. Além disso, pequeninas embarcações, com suas alvas velas soltas, ao sol, pareciam gaivotas em ponto grande, deslizando nas águas cristalinas. A cidade em peso ia para o pitoresco arraial. Do porto, da Praça da Alfândega, da Estação do Caminho Novo, os vapores pareciam repletos de passageiros e bem assim os bondes e os comboios da estrada de ferro.²⁹

Mas, segundo Porto Alegre, a festa de Natal talvez fosse a mais bonita da cidade. Nesse dia, a solidão do Arraial do Menino Deus aos poucos era povoada. O movimento começava pela tarde, mas quando chegava a noite ouvia-se *ao longe uma banda de música que vinha em marcha batida rumo à capela, e algum tempo depois irrompiam as vozes de uma outra música mais distante ainda – eram a Firmesa e Esperança” e a “União Brasileira”*.³⁰ O movimento na estrada que ia dar na capelinha aumentava pouco a pouco

com a passagem de um tálburi, com duas lanternas verdes acesas, como um casal de enormes vagalumes que viesse esvoejando pelo caminho deserto; mais atrás era uma carroça com tolda de aniagem, solta ao vento, como bambinelas; mais distante, acompanhando uma carreta de bois, chiando, apinhada de gente, vinham grupos de moços, bem montados, em trajas gaúchos; ainda, pela mesma estrada, um ônibus ronceiro, já descascando a pintura, e a arraia miúda com trouxas à cabeça e samburás atulhados de garrafas e fiambres. E, de vez em quando, o sino a igreja alegrava a solidão com seus toques festivos, lembrando aos devotos a missa do galo.³¹

Dentre as festas populares, ainda havia o Carnaval e o Entrudo; as Cavalhadas, que eram essencialmente atividades gaúchas; as touradas na várzea; os jogos de rua, como a sapata, o emboque, o meu boi fugiu, cata

29 PORTO ALEGRE, 1994, p. 85.

30 Segundo Porto Alegre (1994), “Firmesa e Esperança” e “União Brasileira” eram duas bandas de música que participavam tradicionalmente dos festejos de Natal. Uma trajava roupa branca de brim e a outra para se diferenciar, vinha de roupa amarela, quase cor de canário.

31 PORTO ALEGRE, 1994, p. 97.

à cega, entre outras, e o batuque, festa tradicionalmente de africanos que ocorria principalmente no Campo do Bom Fim.³²

Até o final do século XIX, às sociabilidades públicas, às vivências na cidade como se referia Pesavento (1991), que ocorriam até então nos becos, nas ruas, nos largos, nos espaços do mercado informal, das sessões de batuque, dos jogos de entrudo, das festas do Divino, contrapunham-se as sociabilidades privadas que aconteciam nas casas de famílias da elite porto-alegrense, que nos saraus, nos passeios campestres e nas noites nos teatros, consagravam a vida burguesa aos moldes da europeias. Nas primeiras décadas do século XX, as sociabilidades privadas se expandem e se afirmam como sociabilidades públicas, entretanto os espaços nos quais elas ocorrem continuam se diferenciando de acordo com a classe social.

Com o seu perímetro urbano dilatado, Porto Alegre se projetava como espetáculo burguês do “viver em cidades”. As confeitarias, os cafés, os teatro, as associações carnavalescas, os hipódromos, o footing da Rua da Praia, as sessões dos cinematógrafos constituem ambiências e as socialidades que atuam como palco de uma moda europeia para a burguesia porto-alegrense.³³

Os arraiais cresciam em tamanho e importância, sendo também lugares nos quais aconteciam muitas atividades recreativas, pois neles estavam localizados, por exemplo, os hipódromos, lugar onde a burguesia tinha encontro marcado toda a semana. No Arraial Menino Deus havia o Hipódromo Rio-Grandense, o Arraial São Miguel tinha o Hipódromo Boa Vista, o São Manuel, com o Hipódromo Independência e o dos Navegantes.³⁴ Dentre as atividades de lazer, as práticas esportivas também tinham importância e, junto com elas, o hábito de frequentar clubes sociais e sociedades agremiativas. Segundo Monteiro, esse hábito estava relacionado à influência da cultura alemã que, desde o final do século XIX, estimulou a prática de esportes como o *ciclismo*, o *remo* e o *tiro*, *valorizava-se o rio e os arraiais para passeios e piqueniques*.³⁵

Como ambientes de sociabilidade e de realização de práticas esportivas desse período, podem ser citados também o Clube Germânia e a Sociedade Leopoldina Juvenil, o Grêmio Náutico União, a Sogipa, e o próprio Parque Farroupilha, no qual havia um Velódromo, local de grande con-

32 op. cit. 1994.

33 PESAVENTO, 1991, p. 44.

34 MONTEIRO, 1995.

35 op.cit. 1995, p. 33.

centração de pessoas quando eram realizadas competições. Segundo SANTUCCI, em meados de 1895,

o velocípede de duas rodas caiu no gosto de alguns jovens como forma de deslocamento, e passeios começaram a ser organizados partindo dos Campos do Bom Fim para os arraiais. (...) A prática do ciclismo em Porto Alegre originou-se destas excursões que, mesmo após a construção das próprias sedes e velódromos pelas associações, continuaram a acontecer para diversos lugares, como Belém Velho, Tristeza, Tramandaí, Ponta do Dionysio, Teresópolis, Canoas e Cascata.³⁶

Na época, o ciclismo era um dos esportes favoritos dos porto-alegrenses, inclusive de pessoas destacadas da sociedade. Segundo Fortini³⁷, havia duas sociedades bem organizadas: a “União Velocipédica” e “Bllits”. A primeira tinha seu próprio velódromo com pista de cimento onde atualmente se encontra o Instituto Parobé, em frente à Rua Sarmento Leite, entre a Av. Osvaldo Aranha, o Parque Farroupilha e a rua Dr. Luiz Englert.

Figura 5. Velódromo da União Velocipédica no Parque Farroupilha: Redenção em 1913



Fonte: Porto Alegre – uma história fotográfica

36 SANTUCCI, 2005, p. 71.

37 FORTINI, 1966.

No cenário artístico-cultural, existia desde 1868 o Partenon Literário formado por um grupo de jovens escritores, liderados por Apolinário Porto Alegre, que se reuniam para realizar leituras e estimular o pensamento crítico na cidade. Durou até 1925, mas pela sua significância foi recriado em 1997. Além da literatura, outra dimensão cultural que estimulava a vivência urbana eram os cinemas e teatros. Steyer³⁸ destaca que, se bem não havia ainda o conceito de “sala de cinema”, nem por isso o porto-alegrense deixava de assistir a espetáculos, pois as exibições cinematográficas podiam ocorrer também em salões, teatros, clubes e até em praças.

Era comum, por exemplo, a realização de sessões de cinema na Praça da Matriz ou na Praça da Alfândega. Estas sessões atraíam tanto a população economicamente mais abastada, como os habitantes mais humildes, pois os preços eram bem mais acessíveis que nas salas de cinema. Mas não eram somente sessões de cinema que ocorriam na Praça da Alfândega. Na virada do século XX, a praça também era palco de diversão à noite. Em algumas ocasiões podia-se ouvir uma banda de música alegrando o passeio noturno.

A construção de novos e monumentais prédios públicos na cidade também contribuiu também para a expansão das sociabilidades públicas, uma vez que tornou os espaços mais aprazíveis e condizentes com o gosto burguês. Mas modernizar a cidade também implicava em novas práticas e hábitos, alterando muitas dimensões da vida social e os espaços no qual ela ocorria. Uma delas diz respeito à circulação das mulheres em público, mas não somente, havia muito mais gente circulando pelas ruas, a dimensão do espaço público se tornou muito mais presente no cotidiano de homens e mulheres que queriam sentir-se parte das mudanças que estavam ocorrendo. Essa burguesia emergente imitava a burguesia francesa, e, em menor intensidade, a inglesa, principalmente no que dizia respeito aos costumes, gostos e na criação de novidades. A procura dos Cafés, Confeitarias, *Restaurants*, Teatros, Cinemas, equipamentos que até então não existiam em proporções significativas, passam a ter um incremento maior, com a aceitação da presença das mulheres, agora circulando pelas ruas, assumindo status de consumidoras.³⁹

38 STEYER, 2001.

39 SOUZA; STEIGLEDER, 2014.

A Rua da Praia era considerada a principal rua da cidade pelos seus prédios luxuosos, os cafés que reuniam os intelectuais da cidade, as lojas cheias de novidades nas vitrines. Era o lugar mais movimentado do centro da cidade, principalmente no trecho entre a rua Vigário José Inácio, onde fica a Igreja do Rosário e a Praça da Alfândega. Várias lojas, cafés, livrarias e cinemas foram ponto de encontro também de senhores que ficavam parados nas calçadas fumando seus charutos, conversando e observando o movimento de pessoas. Segundo Martins,

Porto Alegre era uma capital de província com os seus 250 mil habitantes; possuía, porém, o que a maioria das capitais da Federação não tinha: um coração quente e um cérebro acelerado. Esses órgãos estavam concentrados na Rua da Praia e seu nódulo era a Livraria do Globo. Ali, os intelectuais da terra encontravam, nas prateleiras, as novidades francesas lançadas apenas três meses antes em Paris. Era também a passarela pela qual desfilavam airoso as mulheres belas, nos sábados de tarde, e nos domingos de manhã, após a missa das dez, ainda sob o fascínio da eloquência sacra dos pregadores de elite da Catedral e da Igreja do Rosário. O *footing* das mocinhas, das moças e das ousadas senhoras quarentonas confluía da Catedral, das Dores, e da Igreja do Rosário para o passeio obrigatório ao longo daquelas duas quadras compridas da Rua da Praia, prá lá e prá cá, entre o Café Colombo e a Esquina Masson.⁴⁰

Junto com a Rua da Praia, a Praça da Alfândega era considerada um dos lugares mais bonitos do centro da cidade. Em 1912, o antigo prédio da Alfândega que se situava dentro da praça foi demolido. Isto permitiu a realização de melhoramentos que embelezaram ainda mais o local. No início das obras de ampliação do Porto foram aterrados quase 100 metros em direção ao portão central do cais, sendo construídos nesta área dois prédios muito similares que formaram um eixo no centro da praça. Em 1920 os jardins da Praça da Alfândega eram considerados os mais frequentados da cidade.⁴¹

40 MARTINS, 2000, p.89.

41 FRANCO, 1988.

Figura 6. Praça da Alfândega em 1919.



Fonte: Porto Alegre – uma história fotográfica

Segundo Franco⁴², a Praça da Alfândega foi um dos primeiros logradouros a receber atenção por parte do poder público. Data de 1830 as preocupações com a remoção de detritos acumulados nesse local. Dentre os melhoramentos realizados, em 1868 foram colocados bancos no passeio no alinhamento da Rua dos Andradas e o espaço dos despachantes e quitandeiros começava a tomar a forma de jardim público, tendo inclusive um quiosque instalado para as vendas.

3. PROXIMIDADE E RESERVA E A “HABILIDADE DO SOCIAL”

Além dos espaços, existem algumas diferenças nas características da sociabilidade. Enquanto no século XIX as relações eram mais próximas, no século XX essas relações se tornam mais distanciadas. Isto ocorre primeiro, porque as mudanças na organização dos espaços buscam disciplinar as práticas sociais, tornando-as menos espontâneas e mais adequadas a um determinado padrão de comportamento, criando, assim, as chamadas contenções sociais ou máscaras sociais como observa Sennet⁴³. Segundo, porque com o crescimento da cidade, um número maior e mais diversificado de pessoas passa a circular e frequentar os espaços públicos, provocando

42 FRANCO, 1988.

43 SENNET, 2014.

o distanciamento psíquico e a atitude de reserva, que segundo Simmel⁴⁴ caracteriza as sociabilidades nas cidades modernas. Nesse sentido, Pesavento observa que:

A ideia de modernidade implicava uma reformulação dos territórios em termos de abertura da cidade à franca circulação e articulação das suas partes; na verticalização da área central e na busca de uma uniformidade da paisagem, com a paulatina eliminação de espaços do ponto de vista da sua estrutura física e das socialidades aí desempenhadas.⁴⁵

O relato nostálgico de Augusto Meyer sobre a Praça da Matriz remete a esse período de mudança pelos quais passavam os espaços e as pessoas. Conta que foi morar ali em 1924 e que naquela época a molecada ainda mandava na praça. Entre os “habitantes” da praça estava Maria Paraguaia. A senhora costumava aconchegar *carinhosamente ao seio murcho um filho feito de trapos sujos, cantarolando todo o seu repertório de acalanto; ninava o nada*.⁴⁶ Meyer está observando como aos poucos a Praça da Matriz vai se transformando, agregando novos frequentadores, e ao ser embelezada ganhou fama o passeio ladrilhado, “o redondo”, como dizia o povo. Era o lugar dos passeios digestivos durante as noites de verão até o fim do veranico; a iluminação nova atraía as mariposas burguesas. Ao chegar a grande festa do Divino, tornou-se o refúgio predileto dos namorados.

Além das praças, outro lugar muito frequentado pelos porto-alegrenses como espaços de sociabilidades públicas eram os teatros e cinemas. Nesles, inúmeras sensações dessa proximidade entre as pessoas eram experimentadas. Dentre os teatros, o principal era o Teatro São Pedro em frente à Praça da Matriz. Construído em 1858, era frequentado predominantemente pela elite econômica. O Teatro Polyteama fundado em 1898 era localizado na Praça Pinto Bandeira esquina com a Rua Voluntários da Pátria. Este teatro era muito mais simples que o São Pedro, era todo feito de madeira e funcionava precariamente, sendo demolido em 1907. No Campo da Redenção havia o Teatro do Parque, inaugurado em 1901 por ocasião da Exposição Estadual. Funcionava ao ar livre e, como estava situado num dos locais preferidos de passeios pela população, seu público era muito diversificado, sendo frequentado também pela “gente de bom gosto”.⁴⁷

44 SIMMEL, 1976.

45 PESAVENTO, 1991, p. 71.

46 MEYER, 1971, p. 34.

47 STEYER, 2001, p.54.

Além dos teatros, havia vários cinemas na cidade, e os porto-alegrenses tinham o hábito de frequentá-los, o que fez com que o cinema fosse um lugar de ampliação das sociabilidades públicas nas primeiras décadas do século XX, estendendo-se até a década de 1990 aproximadamente, quando os cinemas de rua começam a ser fechados e passam a funcionar predominantemente nos Shopping Centers. Muitos namoros começaram nos cinemas, assim como diversos conflitos também.

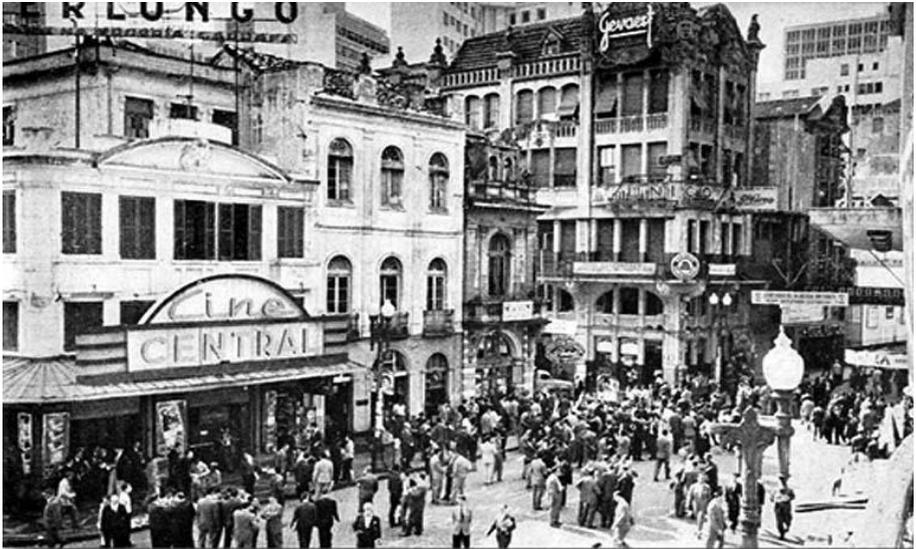
Para Steyer, é interessante observar o que acontecia do lado de dentro do cinema. Havia, inclusive, o termo *flirts* para designar as cantadas e os namoricos que ocorriam no “escurinho do cinema”, mas também não eram incomuns as brigas porque este ou aquele “mexeu” com a irmã ou esposa do outro. Ruschel também reforça essa sociabilidade pública que as salas de cinema proporcionavam ao observar que,

Nos intervalos, os rapazes levantavam-se e recostavam-se no espaldar da cadeira, ficando de frente para a plateia. Não propriamente a plateia, mas para o que de mais interessante estivesse pelo meio dela. Começavam por ali muitos namoros. E para disfarçar chupavam balas que se vendiam pelos corredores.⁴⁸

A Figura 7 mostra o Cinema Central, construído em 1921 e localizado na Rua dos Andradas, e era um dos mais frequentados na época.

48 RUSCHEL, 2001, p.140.

Figura 7. Cinema Central, 1921.



Fonte: Porto Alegre – uma história fotográfica

O interior das salas, portanto, era um local que, para além do filme, estava recheado de situações que, muitas vezes, exigia dos frequentadores a “habilidade do social”, desde lidar com as senhoras e seus enormes chapéus atrapalhando a visão da tela até se desvencilhar de uma grosseira cantada. Dramas comuns a toda sociedade que se expande e amplia seus espaços de convivência pública.

As sessões de cinema não ocorriam apenas no centro da cidade, havia também os cinemas de bairros, cujos ingressos eram mais acessíveis. Além das exhibições de filmes nas praças como foi assinalado anteriormente, os salões e as paróquias também acabavam sendo utilizados para esse fim. Nas festas religiosas como a do Divino Espírito Santo quando ocorria na Praça da Matriz, depois das celebrações religiosas durante o dia, à noite era o momento da quermesse e do cinema. O cinema também estava presente na festa de Carnaval e nas comemorações da proclamação da República no dia 15 de novembro. A festa de Nossa Sra. dos Navegantes, por exemplo, terminava com uma sessão de *cinematographo* e fogos de artifício. No final das festas, o bonde chegava para levar os porto-alegrenses para suas casas. Sua contribuição também pode ser percebida na experiência noturna da cidade quando as pessoas podiam experimentar outro tipo de movimento e de sociabilidades.

Percebe-se como cotidianamente as sociabilidades públicas estão presentes ao circular pela cidade que, aos poucos, ia se modernizando. Passar pelas praças e parques era uma oportunidade para conhecer pessoas, sair do âmbito privado e “jogar-se” na multidão. Da mesma forma, o transporte com seus bondes e seus terminais também eram espaços cotidianos de sociabilidades, eram espaços onde, por exemplo, vizinhos podiam encontrar-se e conversar no trajeto casa-trabalho-casa. Muitas vezes não havia troca de palavras, apenas olhares selavam esse contato. Em outros momentos, os pedidos de licença, os conflitos de espaço negociados, a gentileza, o encontro com um velho amigo, enfim, inúmeras formas de sociabilidade ocorriam ou havia a premência dessa possibilidade ao sair do espaço privado e jogar-se no espaço público. Movimentos em direção às relações impessoais, de desenvolvimento de habilidades sociais, que contribuíram para inserir os habitantes pouco a pouco na cidade que crescia e se modernizava.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo, que teve como objetivo reconstruir caminhos de sociabilidades públicas na cidade de Porto Alegre, mostrou que a construção de um *ethos* político a partir das interações sociais necessita de políticas de planejamento urbano, embelezamento e qualificação dos espaços públicos permeadas pela concepção de espaço público como espaço de diálogo, de constante construção ético-política em relação a si e ao “outro”. Pensar dessa forma implica em compreender o espaço público como o lugar também do contraditório, do conflito, da defesa e da contraposição de ideias. Por isso, se bem pode-se pensar o espaço público como um espaço físico com uma estrutura que sustente as práticas a partir dos elementos ali disponibilizados, também é importante considerar que, numa relação dialética entre espaço e indivíduo, as práticas sociais vão dando contornos a esse mesmo espaço construído, ressignificando-o. Assim, espaços que possibilitem maior liberdade de ação tendem a possibilitar práticas sociais politicamente mais engajadas com o cuidado com a cidade, com o outro, com a convivência urbana.

Infelizmente, a maior parte das cidades brasileiras vivencia, atualmente, diversos problemas relacionados ao uso dos espaços públicos. Em muitos contextos ele é quase inexistente, principalmente se pensarmos no espaço para além da dimensão material, concreta, mas incorporando dimensões relacionadas aos aspectos simbólicos e imateriais da vida, onde diversos recursos (educacionais, de saúde, de bem estar etc.) tem grande relevância nas relações que estabelecemos. Este é um tema que tem pauta-

do as questões relativas ao desenvolvimento sustentável das cidades, não apenas pelo impacto ambiental e econômico, mas também pelo impacto social, onde questões como desigualdade, acessibilidade, acesso a equipamentos, segurança etc. são incorporadas ao se pensar no planejamento do urbano. Em parte vive-se um ideário de desenvolvimento econômico que privilegia formas individualistas e patrimonialistas de apropriação do espaço público, nas quais as ações coletivas ficam mais prejudicadas. A deterioração dos espaços de circulação, como paradas e terminais de ônibus e trens, entre outros, também contribui para uma permanência precarizada das pessoas nesses ambientes públicos e, logo, para que ocorram menos interações entre elas.

Por tudo isso, a importância de investigar e reconstruir o caminho da modernização de Porto Alegre, no que diz respeito à configuração espacial estabelecida a partir dos usos da cidade, do arranjo dos espaços livres e edificados, das práticas sociais nos espaços destinados a passeio e permanência, praças, parques, enfim, uma infinidade de espaços públicos pensados e criados para gerar fluxos de pessoas, mas acima de tudo, sociabilidades públicas. Compreender a relação dialética entre espaço físico e práticas sociais instiga a pensar possibilidades de diálogo, de desenvolvimento do nosso *ethos* político de forma positiva, generosa e orientada para o entendimento entre os diferentes habitantes da cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKOS, Margaret M. Decorando a sala de visitas: Porto Alegre na virada do século 19. In: Porto Alegre na virada do século 19: cultura e sociedade. Colab. Cláudia Mauch...[et. al.]. Porto Alegre/Canoas/São Leopoldo: Ed. Universidade/UFRGS/Ed. ULBRA/ E. UNISINOS, 1994.
- FORTINI, Archymedes. Histórias da nossa história: Porto Alegre entre 1900 à 1965 – como era diferente! Porto Alegre: Editora Grafipel, 1966.
- FRANCO, Sérgio da Costa. Porto Alegre: guia Histórico. 1º edição. Porto Alegre: Editora da Universidade – UFRGS, 1988.
- FRANCO, Sérgio da Costa. Porto Alegre ano a ano: cronologia histórica: 1732 -1950. 2ª edição. Porto Alegre: Letra & Vida: Editor da Cidade, 2013.
- FREITAS, Décio. O homem que inventou a ditadura no Brasil. Porto Alegre: Sulina, 1999.
- HABERMAS, Jürgen. Mudança estrutural da Esfera Pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

- HETTNER, Alfred. Die Stadtgedessudlichsten Brasiliens. In: *Unsere Zeit*. Leipzig, 1891, Bd II. Fragmento traduzido por Hardy Bathelt. In: NOAL FILHO, Valter Antonio; COSTA FRANCO, Sérgio. *Os viajantes olham Porto Alegre: 1890-1941*. Santa Maria: Anatterra, 2004.
- Jornal “O Independente”, de 01/03/1900. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O espetáculo da rua*. 2^a ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.
- LYON, Max. Description de l’Etat de Rio Grande do Sul (Brésil). In: *Comptes-Rendus des Seances de La Société de Geographie de France*. Paris, 1891, n. 18, PP. 515-525. Fragmento traduzido por Sérgio da Costa Franco. In: NOAL FILHO, Valter Antonio; COSTA FRANCO, Sérgio. *Os viajantes olham Porto Alegre: 1890-1941*. Santa Maria: Anatterra, 2004.
- MARTINS, Cyro. Regionalismo, Modernismo e o surgimento do Romance de 30. In: MASSINA, Léa; APPEL, Myrna Bier (Org.) *A Geração de 30 no Rio Grande do Sul. Literatura e artes plásticas*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000.
- MEYER, Augusto. Na Praça da Matriz. In: APPEL, Carlos Jorge; SCLiar, Moacyr et al. *Porto Alegre ontem e hoje*. Porto Alegre: Editora Movimento, 1971.
- MONTEIRO, Charles. *Porto Alegre – Urbanização e Modernidade: a construção social do espaço urbano*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.
- OVADIA, Maurício. *Cento e onze anos de transporte – do bonde de mulas ao transporte seletivo*. Porto Alegre: SMT, 1976.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O espetáculo da rua*. 2^a ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Memória Porto Alegre: espaços e vivências*. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1991.
- PORTO ALEGRE, Achylles. *História Popular de Porto Alegre*. Porto Alegre: UE/Porto Alegre, 1994.
- RUSCHEL, Nilo apud STEYER, Fábio Augusto. *Cinema, imprensa e sociedade em Porto Alegre (1896-1930)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- SANTUCCI, Natália de Noronha. *Memórias apagadas - os velodromos esquecidos de Porto Alegre*. In: 1^o Colóquio Internacional de História Cultural da Cidade, 2015, Porto Alegre. *Anais*. Porto Alegre, 2015. p. 712-727.
- SENNET, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2014.
- SENNET, Richard. *Construir e habitar: ética para uma cidade aberta*. 1^a edição. Rio de Janeiro, Record, 2018.

- SCHANZ, Moritz. Quer Durch Süd-Amerika: Reiseskissenausdem Jahre 1890; Rio Grande do Sul, Montevideo, Argentinien, Paraguay, Anden-Uebergang, Chile. Hamburg: W. MaukeSöhne, 1891. Fragmento traduzido por Hardy Bathelt. *In*: NOAL FILHO, Valter Antonio; COSTA FRANCO, Sérgio. Os viajantes olham Porto Alegre: 1890-1941. Santa Maria: Anatterra, 2004.
- SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. *In*: VELHO, Otávio Guilherme. O fenômeno Urbano. 3 ed., Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- SIMMEL, Georg. Questões fundamentais da sociologia – indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- SOUZA, Célia Ferraz de; MÜLLER, Dóris Maria. Porto Alegre e sua evolução urbana. 2º ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.
- SOUZA, Célia Ferraz de; STEIGLEDER, Clara Natalia. Retomando Marshall Berman e a questão da modernidade e da modernização das cidades. *In*: PEIXOTO, Elane Ribeiro; DERNTL, Maria Fernanda; PALAZZO, Pedro Paulo; TREVISAN, Ricardo (Orgs.) Tempos e escalas da cidade e do urbanismo. Anais do XIII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. 2014, Brasília, DF: Universidade Brasília - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2014.
- STEYER, Fábio Augusto. Cinema, imprensa e sociedade em Porto Alegre (1896-1930). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- TOTTA, Mário; AZURENHA, Paulino; LOBO, Souza. Estrychnina. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.

Submetido em 01/12/2021

Aceito em 04/05/2022